

Literatura e Língua 12º ano

Professor Sidnei Xavier dos Santos

Inicia-se o 12º ano com o estudo do romance do século XIX a partir da crise entre os ideais românticos e a realidade social das sociedades modernas capitalistas. Dessa forma, a leitura de obras periféricas ao capitalismo, como os romances de Dostoiévski e Machado de Assis, dão o suporte para um olhar crítico sobre a nova realidade que se apresenta diante do homem, pressionado pelo materialismo econômico e pelas ideologias científicas da época.

Em seguida o tema é a literatura de João Guimarães Rosa. Faz-se uma abordagem quase que completa das obras ficcionais do autor mineiro, desde os contos de *Sagarana* e *Primeiras estórias*, passando pelas novelas do *Corpo de Baile* e finalizando com o romance *Grande sertão: veredas*. Como contraponto, aborda-se a literatura de Clarice Lispector.

Por fim se apresenta uma visão panorâmica da literatura ocidental, retomando todo o ensino de literatura ao longo do Ensino Médio, o que envolve traçar uma grande linha temporal em que as literaturas brasileira e portuguesa sejam agora vistas em contexto, dialogando com o que se produziu no mundo ocidental, contextualizando os conceitos de escolas literárias.

Em Língua se introduz o estudo da Semântica e da Pragmática do texto, elementos que desenvolvem o ensino de língua através de um olhar mais abrangente e totalizante, objetivo a ser alcançado no 12º ano.

Amostras

O burrinho pedrês

Relacione as duas músicas sertanejas ouvidas, "Besta ruana" e "Boi Soberano" com aspectos ligados à história do burrinho pedrês. Tente observar de que maneira as temáticas do relacionamento do homem com o animal se estabelecem nas letras e como elas são trabalhadas no conto. Procure explicar a simbologia dessas relações.

Burrinho pedrês

No sertão o relacionamento do homem com o animal é um laço muito intenso, os vaqueiros têm em sua companhia seus animais de montaria, eles podem ser até considerados parte da família. No conto "burrinho pedrês" o Major Saulo, dono do sete-de-ouro, tem muito apreço pelo seu animal, já passaram por muitas coisas junto e ele sempre defende o burro quando falam que ele é incapaz, o dono da fazenda conta feitos e habilidades do burro para defendê-lo.

Na começo da música "Besta ruana" o eu lírico demonstra um pouco quem é a besta, fica bem explícito como ele exalta ela. Podemos considerar isso como uma das indicações de preocupação que se tem no sertão com seus animais.

"Matei ela com dois tiros, depois chorei de tristeza

*Abri uma sepultura, enterrei minha princesa
Fiz uma cruz de pau d'alho, deixei quatro vela acesa
Na cruz eu fiz um letreiro, escrevi com bem clareza
Matei pra não vê sofrer a minha saudosa Princesa!"*

Aqui o autor demonstra a compaixão que ele teve ao ver sua besta sofrendo por ter quebrado as pernas, ele, mesmo chorando de tristeza, escolheu sacrificá-la ao invés de vê-la sofrendo, e depois preparou um funeral para ela, esse é um comportamento muito marcante dos humanos, o que demonstra que o cantor considerava o animal como alguém importantíssimo.

Outra simbologia é o começo, tanto da música quanto no conto, mesmo sendo sutil tem seu significado, as duas começam **exaltando** seus companheiros:

Música - "Outra igual não existia cem léguas na redondeza"

Conto - "Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual."

Na música "Boi soberano" o autor conta de seu tempo de vaqueiro, mais especificamente de quando ele levou uma boiada que no meio tinha um boi preto chamada Soberano, um boi muito bravo. Quando chegou na cidade a boiada estourou e o Soberano liderava os bois. Nas ruas da vila tinha um menino, soberano parou na frente dele e desviou os outros bois do caminho, salvando a vida do menino, seu pai até comprou o boi para que ninguém o machucasse.

Esse ato heroico mostra que o boi tem sentimento, ele percebeu o perigo que o menino correu e lutou para salvá-lo, assim como no conto de Guimarães.

No conto Raymundão conta uma história de quando uma onça entrou em seu campo cheio de gado e estava prestes a atacar, porém Calundú se põe na frente da onça e:

"E o Calundú cavacava o chão e bufava, com uma raiva tão medonha, que aí fiquei mais animado, por ele estar me protegendo, e até tive pena da pobre da oncinha!..."

O boi ficou tão bravo que conseguiu espantou a onça

"Você sabe que, quando a tigre arma o bote, é porque ela já olhou tudo o que tinha de olhar, e já pensou tudo o que tinha de pensar, e aí nunca que ela deixa de dar o pulo, não é? Pois, nesse dia, a canguçu de certo que imaginou mais um tiquinho, porque ela desmanchou o dela, andando de rastro para trás um pedaço bom. Depois, correu para longe, sem um miado, e fois'embora"

outra situação onde vemos o boi se arriscando para proteger outros. Eu acho q no sertão eles sempre imaginaram o boi bravo como aquele que causa destruição. Mas nessas duas citações notamos que os bois se sensibilizam com as situações, mostrando que eles também se importam, então eles servem de símbolo pois são fortes mas usam a força para proteger os outros, possivelmente eram usados como referência para os boiadeiros.

Ensaio sobre a cegueira

Ensaio sobre a cegueira diz muito do que estamos vivendo nesse momento, pois subitamente, num dia normal, um homem ficou cego, e dali o que parecia ser, aparentemente, nada de anormal virou uma grande loucura epidêmica, tornou-se "um mar de leite", onde aqueles que contraíram a cegueira e os que tiveram contato com esses foram levados para um lugar isolado. Logo aquilo se converte em números absurdos, em que podemos fazer uma relação com o agora, pois imaginávamos que seria apenas questão de dias, que passaria, e hoje a situação parece incontrolável e os números só crescem. Como no livro, os cegos precisam aprender a viver e conviver isolados e ainda cegos, precisando reeducar sua maneira de "ver" as coisas, de buscar um novo eu, e isso é exatamente o conflito que temos todos os dias nesse momento, nos mostrando que precisamos evoluir e aprender com esse período que afetou o mundo inteiro. Esse livro chega a ser assustador de tão tangível que é essa loucura que é mostrada no livro, pois estamos praticamente no mesmo barco. E também o livro mostra

um pouco de despreparo da parte do governo, que deixa os cegos em um lugar sujo, com comida escassa, e sem nenhum recurso médico, refletindo assim no nosso presente. Esse livro, e com tudo que estamos passando, nos mostra que precisamos mudar como agimos e vivemos em sociedade, e levarmos esse aprendizado para depois da pandemia.

O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane, e Laços de família, de Clarice Lispector

1) Discuta a problemática da identidade racial em O alegre canto da perdiz.

Neste livro, a identidade racial não gira apenas em torno da cor de pele. Delfina, por exemplo, é uma mulher preta, mas que por ter se casado com um homem branco e ter tido filhos mestiços, é mais bem vista e mais incluída pela sociedade do que outras mulheres pretas que não vivem nas mesmas circunstâncias.

Essa realidade pode ser vista de maneira tão forte durante a história, que a própria mãe começa a tratar seus filhos pretos de uma maneira completamente diferente da que trata seus filhos mestiços, reforçando a ideia de que quanto mais branco alguém for, maior a chance de ter um futuro bom.

Sem falar que ela sempre teve essa ideia de ser casada com um branco, para que fosse superior de alguma forma.

Os pretos são vistos como inferiores, explorados, e maltratados. Por isso, a sociedade branca, que naquele contexto é a única que importa, apoia o branqueamento racial, que é visto como uma solução para o excesso de negros.

O branqueamento racial era uma ideologia completamente aceita naquele cenário e naquela época. Os simpatizantes dessa ideologia pensavam que os pretos iam evoluir, avançar, ou até mesmo desaparecer dentro de várias gerações de miscigenação entre brancos e negros. Isso, porque dentro da sociedade, os brancos eram mais socialmente, politicamente, e economicamente beneficiados.

Além desse conceito de identidade racial, a cor de pele ainda é muito importante por si só. Mesmo Delfina recebendo um tratamento um tanto diferente por conta das suas circunstâncias de vida, ela ainda sofre por ser preta, e ainda tem que trabalhar duas vezes mais do que qualquer branco para ser ouvida e conseguir o que quer.

2) Em várias narrativas de *Laços de família*, a personagem feminina, vivenciando experiências cotidianas, tem revelações fundamentais para sua vida interior. Analise dois contos em que isso acontece e demonstre em que momento ocorrem essas revelações.

Primeiro conto - Amor

Nesse conto, a protagonista desfruta de uma vida boa. Ao sair de casa um dia, ela avista um cego em um ponto de ônibus, o que muda totalmente sua perspectiva da vida.

É no momento que ela avista o cego que ela percebe que enquanto ele foi privado de enxergar e viver muitas coisas devido a sua cegueira, ela, com total capacidade de enxergar e viver experiências incríveis, se deixou cair na rotina, fazendo suas tarefas e suas ações no modo automático, sem aproveitar o tanto quanto pode do mundo.

Ela fica atordoada, e volta para casa refletindo sobre o que aconteceu.

Segundo conto - O crime do professor de matemática

Neste conto, um professor de matemática está a enterrar um cão morto. Inconscientemente, ele faz isso a espera de que esse ato de bondade honre a morte do cão, e apague um erro seu do passado, do qual está arrependido.

O erro pelo qual ele está tentando compensar é o abandono de seu antigo cachorro, José.

Porém, enquanto está a enterrar este novo cão, ele nota que aquilo não irá mudar o que aconteceu, e que ele não será imediatamente inocentado do que fez. Ele, então, percebe que a maneira de honrar seu antigo cachorro e aprender com seus erros é sentindo e enfrentando tudo aquilo que José o fazia encarar e que ele havia evitado enfrentar.

O professor desenterra o cachorro, e segue sua vida.